



A MÁSCARA DO MORCEGO: BATMAN À LUZ DA TEORIA DOS ARQUÉTIPOS

Dalmo Radimack da Silva – dalmoradimack@yahoo.com.br
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3870-5845>

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa – danihapsi@yahoo.com.br
Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), João Pessoa, Paraíba, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3559-119X>

RESUMO: As narrativas heroicas sempre se fizeram presentes ao longo da história da humanidade. A partir do século XX, as Histórias em Quadrinhos se tornaram suporte para sua manutenção e com o sucesso que as suas adaptações alcançaram no cinema se abriu um espaço de ampliação do alcance deste tipo de narrativa. Este artigo versa sobre este fenômeno tendo como narrativa referencial a constituição do mito do Batman tendo como referência a teoria junguiana dos arquétipos. O objetivo deste trabalho reside na análise de como o mito do Homem Morcego representa de acordo com a teoria adotada um arquétipo coerente com a condição humana contemporânea. Apresentando-se como uma análise bibliográfica a partir de BOECHAT (2008), JUNG (2002), NAGY (2017), tendo como resultado a identificação do Batman como um arquétipo junguiano passível de dialogar com a condição existencial de enfrentamento dos medos interiores, alcance da posse de si e resiliência.

PALAVRAS-CHAVE: Arquétipo; Batman; Herói.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças, jovens e adultos em diversos lugares do mundo. Como gênero literário, nasceu em 1895 com a criação de uma tirinha dominical em jornais americanos de histórias de uma criança chamado Yellow Kid. Foi em 1938, ano da apresentação do Superman, que as histórias em quadrinhos abriram um espaço para os heróis, a partir de então, iniciou-se a construção de um espaço para a revitalização dos relatos heroicos (FONOFF; COLUCCI, 2008). As narrativas heroicas fazem parte da própria constituição da humanidade. Em variados momentos da história, eles sempre se fizeram presentes. Os Quadrinhos (HQs), tornaram-se fonte de relatos heroicos sendo que estes podem ser exemplos do que Carl Gustav Jung chamou de Arquétipo, pois por mais diversos que sejam os relatos estes estão sustentados por ideais que incentivam as pessoas a questionarem suas ações e, a se encorajarem na busca por mudanças de condutas. Sendo assim, os estudos promovidos por Jung representam uma das maiores contribuições acerca do material simbólico presente na história da humanidade.

Tomando como fundamento os arquétipos se torna pertinente a análise do herói conforme apresentados nas HQs bem como no universo cinematográfico que desde o início dos anos 2000 se efetivou como fonte de conhecimento deste tipo de narrativa. Heróis modernos e suas jornadas possibilitam a amplificação da situação vivida pelos que o acompanham. Apresentam respostas possíveis a situações comuns a todos e podem ser analisados mediante a teoria Junguiana posto o fato de terem a mesma raiz dos mitos arcaicos que há muito transmitem possibilidade de interpretação do fenômeno humano (BOECHAT, 2008).

Para esse trabalho, será examinado como o arquétipo junguiano o herói apresentado a partir do Batman. Esse personagem criado em 1939 por Bob Kane, já teve sete adaptações ao cinema e três participações em outras produções. Torna-se pertinente esta imagem devido ao paradoxo que ela representa, pois por exemplo, em *Batman Begins* (2005) a produção de Christopher Nolan deu nova vida à lenda do Batman, que pode ser resumida na fala expressa no filme que é: “Como homem, sou de carne e osso, posso ser ignorado, ou destruído. Mas como um símbolo eu posso ser incorruptível. Eu posso ser perpétuo”.

Além da trilogia dirigida por Christopher Nolan, serão mencionadas HQs específicas que fundamentem a pesquisa e corroborem para sua melhor amplitude e se avaliará como as produções cinematográficas inspiradas nas HQs expressam o modelo heroico a partir da apresentação da personalidade do Batman. Optou-se por esse herói porque, ao contrário do Superman que tem sua origem em um outro mundo e é dotado de poderes extraordinários, o Batman é um ser humano comum que em meio aos seus próprios desafios luta para enfrentar seus medos e mostrar caminhos interiores que podem ser percorridos por todos, posto o fato dele se erguer como um símbolo. Tendo como objetivo analisar a utilização dos arquétipos da teoria junguiana nas narrativas do Batman como referência da experiência humana, este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica na qual se aprofundará a compreensão Junguiana na constituição da imagem do herói e como a este que foi escolhido se aplica à perspectiva da psicologia analítica refletindo os anseios mais profundos da humanidade.

Para que se alcance o objetivo a que se dispõe este artigo se articula da seguinte forma: Em um primeiro momento será apresentada a importância dos arquétipos como expressões do Inconsciente Coletivo conforme postulado por Carl Gustav Jung e a imagem do herói como arquétipo. No segundo será apresentada a história do personagem escolhido para a análise. No terceiro momento, será avaliado como essa imagem arquetípica do herói se aplica como símbolo no processo de enfrentamento de situações humanas de limite e como último aspecto, como o arquétipo do herói se vincula ao processo de individuação.

2 O INCONSCIENTE COLETIVO E OS ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS

2.1 O INCONSCIENTE COLETIVO

Carl Gustav Jung (1875 – 1961), psiquiatra suíço, esteve ao lado de Freud nos primórdios da psicanálise foi um dos mais proeminentes representantes do movimento e primeiro presidente da associação internacional de psicanalistas. Devido a divergências sobre o conceito de libido e mais amplamente sobre a noção de inconsciente se distanciou de seu antigo mestre. No início de sua obra *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, Carl Gustav Jung ressalta a compreensão acerca do inconsciente como postulado por Freud. Inicialmente, em sua percepção o inconsciente, estava limitado ao estado de conteúdos reprimidos ou esquecidos. Dessa forma, ele nada mais seria do que o espaço de concentração dos conteúdos recalcados e é por isso que o inconsciente se torna essencial na compreensão da forma com interpretamos e interagimos com a realidade (JUNG 2002). Mediante a compreensão freudiana, Jung postula uma distinção entre um inconsciente chamado pessoal e um outro chamado coletivo. Assim, nas palavras do autor:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal (JUNG 2002. p. 15).

Nesta perspectiva, enquanto para Freud o inconsciente seria construção de vivências e experiências pessoais, para Carl Gustav Jung o inconsciente teria uma dimensão pessoal o que coincide de certa forma com a visão freudiana, e uma dimensão inerente a todos os indivíduos, e, por isso mesmo coletivo. Portanto, a ideia de um inconsciente coletivo rompe com o princípio de causalidade, não sendo apenas representado na história do indivíduo, mas sim do indivíduo inscrito em uma história universal. O caminho metodológico proposto por Jung segue uma linha simbólica-analógica, isto é, propõe a ampliação da imagem simbólica em vista de uma melhor interpretação. Neste sentido o fenômeno do herói presente nos quadrinhos, e que ganhou vigor absoluto nos cinemas, está inscrito em uma estrutura que pertence a padrões míticos e religiosos coletivos e, assim, não estão distantes de todo um material que pertence à própria história da humanidade.

Ao longo da história narrativas de feitos heroicos exerceram influência sobre diversas culturas. Analisando estes relatos é possível concluir que por mais distantes que estejam historicamente uns dos outros, possuem pontos em comum que os interligam revelando que pertencem a uma espécie de patrimônio comum às civilizações (JUNG, 2002), ou seja, as imagens

heroicas correspondem a arquétipos por meio das quais se expressam um conteúdo que pertence ao inconsciente coletivo. Analisando essa herança, o inconsciente coletivo Carl Gustav Jung conclui que estas imagens são arquetípicas, ou seja, assim como nas palavras do próprio Jung, manifestações de experiências humanas. Para Jung, o conteúdo expresso pelos arquétipos são expressões do próprio material simbólico comum à humanidade e chamado por ele de Inconsciente Coletivo. De acordo com o autor, os arquétipos,

Pertencem ao substrato fundamental da psique inconsciente e não podem ser explicados como aquisições pessoais. Todos juntos formam aquele estrato psíquico ao qual dei o nome de inconsciente coletivo. A existência do inconsciente coletivo indica que a consciência individual não é absolutamente isenta de pressupostos. Ao contrário: acha-se condicionada em alto grau por fatores herdados, sem falar, evidentemente, das inevitáveis influências que sobre ela exerce o meio ambiente. (JUNG, 2002. p. 15).

Ao apresentar uma definição de Inconsciente Coletivo, Jung não desconsidera aquilo que Freud elaborou como definição acerca do Inconsciente e além disso, reconhece que nestes estudos já havia o espaço para suas investigações acerca do Inconsciente Coletivo, embora não explorados (JUNG, 2002). Este é o ponto de ruptura entre discípulo e mestre que oportunizou a Jung aprofundar a noção de Inconsciente, portanto, o inconsciente pessoal não é negado pela possibilidade de um coletivo, mas é a dimensão de universalidade do inconsciente que possibilita uma existência pessoal do inconsciente (JUNG, 2002). Assim, apesar da histórica ruptura, do ponto de vista do conhecimento, Jung é o passo necessário aos trabalhos de Freud e neste sentido não seria uma oposição a ele e sim um complemento aos seus grandes esforços.

2.2 OS ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS

Os Arquétipos possuem um lugar fundamental na estrutura do pensamento Junguiano e sobre este aspecto se faz necessária algumas delimitações. A primeira delimitação sobre os arquétipos é que embora estejam mencionados com este nome nos trabalhos de Jung, o termo tem sua origem numa tradição filosófica que remonta à Grécia. Na filosofia do período grego, arquétipo representa uma ideia fundamental. Assim, toda realidade como vemos é concretização de uma ideia primeira que é o fundamento dentro de uma série de iguais (PIERI, 2002). Esta apresentação do significado do termo o insere naquilo que a filosofia platônica chamou de o mundo das ideias pois Platão, o mundo real não seria este material e sim o das ideias onde se encontram as ideias primordiais sobre todas as coisas.

A segunda delimitação tem a ver com a etimologia da palavra, arquétipo se divide em duas outras: arché que significa origem, sendo este termo fundamental para o surgimento da Filosofia posto que os primeiros filósofos acreditavam que havia um elemento fundamental do qual tudo se originava e este coincidia sempre com algo da realidade natural. Este pensamento marca a transição do pensar mítico ao pensar filosófico. A outra palavra é typos que pode ser traduzido por impressão, modelo. Mediante a etimologia, é possível se reconhecer as características próprias daquilo que desejava Jung ao construir toda sua argumentação a partir deste termo (JACOBI, 2016). O Arquétipo, portanto, pode ser compreendido como a imagem que expressa um conteúdo necessário presente no Inconsciente Coletivo. Dada a amplitude do Inconsciente Coletivo, os Arquétipos são o meio pelo qual esse conteúdo se faz acessível ao ser humano e conforme dito no que tange o inconsciente, eles fazem a mediação entre o inconsciente pessoal e o coletivo.

2.3 O HERÓI COMO ARQUÉTIPO

A apresentação das noções Junguianas de Inconsciente Coletivo e Arquétipo fundamentam a análise do Herói como um modelo. Esta é uma imagem que povoa o imaginário de modo que unanimemente se declara que na figura do herói ou da heroína se encontram uma gama de valores a serem defendidos, evoluções necessárias, o triunfo do bem diante do mal, a capacidade de inspirar pessoas no propósito de mudar de vida. É típico do herói a luta contra uma realidade que aparentemente é maior do que ele. Assim, este como arquétipo representa o autoconhecimento, autotranscendência e em alguns momentos o pleno cumprimento da vontade das divindades.

Uma das mais importantes descrições sobre o herói se encontra na Grécia. Em seus relatos, ele é fruto de relações sexuais entre um mortal e um deus, significando que nele se encontram unidas forças terrestres e celestiais (CHEVALIER, 2000). Uma das marcas deste herói é o fato de possuir uma força sobre-humana mesmo que em um corpo mortal, estando exposto as limitações da vida, tendo-se assim se uma visão de que a forma como o herói habita o mundo é diferente. Numa breve observação sobre os relatos heroicos presentes desde a Grécia, é notória uma mudança de perspectiva para a atualidade. Nesse sentido, inicialmente NAGY (2017) divide os relatos em dois momentos. O primeiro deles denominado período do herói Épico corresponde à imagem do herói relacionada à moralidade, o foco é a busca do bem, da justiça, da verdade, a entrega resoluta e livre de si em vista de um bem maior. Aparece assim, o caráter sacrificial do herói no qual sua vida pode mover os destinos de seus compatriotas. Esse personagem é alguém acima de todos os vícios e um verdadeiro modelo a ser seguido, de alguém que enfrenta dificuldades sobre-humanas e que poderá sempre contar com a presença e o auxílio dos deuses.

O segundo momento tem um herói que deve enfrentar a sua própria moralidade ou imoralidade. Este é o período do herói Trágico que deverá conviver com a fragilidade presente em suas ações e com uma jornada grandiosa que o desafia. Esmagado pela sua fraqueza, distante da proteção dos deuses, o herói trágico precisa se auto superar, encontrar em si mesmo a força necessária para vencer. De fato, a grande diferença entre os dois modelos de heróis é que o primeiro precisa estabelecer em sua vida a vontade divina enquanto o segundo por sua conduta que contraria a moral se porta como contestador da vontade divina. Foi o século XX que marcou o novo alvorecer dos heróis. As Histórias em Quadrinhos (HQs), tornaram-se fonte destes relatos. Por mais diversos que estes sejam, estão sustentados por ideais que incentivam as pessoas a questionarem suas ações e, a se encorajarem na busca por mudanças de condutas. Perante a amplitude de representações heroicas no universo do cinema apresenta-se nesse trabalho uma em especial: Batman, O Cavaleiro das Trevas. Tal escolha se justifica pelo fato de estarmos diante de um herói de rupturas, pois desprovido de um nascimento extraordinário, sem uma origem especial, sem poderes, carregado de dramas e tragédias pessoais é o que melhor representa o ser humano finito perante desafios que aparentemente lhe superam.

3 O CONTEXTO E A ORIGEM DO HOMEM MORCEGO

Em 1929, o mundo havia estremecido pela grande depressão americana e a partir daí um período de grande instabilidade econômica gerou altos índices de desemprego e um clima de insegurança e instabilidade. No ano de 1938, foi criado o Superman, embora seja o primeiro herói dos quadrinhos ele representa a velha imagem do herói épico. Vindo de outro planeta e sendo adotado por um casal de camponeses, tem na história de Jesus de Nazaré um paralelo interessante. Ele surgiu para inspirar as pessoas no mais nítido padrão de moralidade. Fortalecido pelo sol, imagem com a qual Lucas apresenta Jesus em seu Evangelho (Lc 1, 78), há no herói Superman um teor sagrado, pois tal qual o homem – Deus, ele vem para trazer uma luz.

Por outro lado e na ótica inversa, Batman foi criado por Bob Kane e fez sua estreia nos quadrinhos em maio de 1939, ano de consequências após uma década de declínio e decepções financeiras. No mesmo ano, teve início a Segunda Guerra Mundial que durou até 1945 e a ante a perplexidade frente as atrocidades da guerra a humanidade se questionava sobre o sentido da vida (FREUD, 2010). Neste cenário, Batman corresponde ao herói trágico. Para Jean Paul Gabilliet, esse arranjo social está refletido nas HQs do Batman, a começar pela sua origem porque assassinatos brutais são comuns não apenas à história dos EUA mas de todo mundo. Neste sentido, não é um dado ficcional que dá origem ao Batman e sim o assassinato de seus pais (GABILLIET,

2014) A história do Batman se situa na cidade de Gotham marcada pela crise econômica e pela desagregação social representada em suas HQs pelo fosso a separar ricos de pobres. Os Waynes estão envolvidos na tentativa de reconstrução da cidade de Gotham com o intuito de superar os efeitos da crise e estabelecer o equilíbrio econômico e social. Embora se esforcem nessa busca por estabilidade econômica que possibilite uma cidade para todos, a família vive em uma propriedade nos limites da cidade e mantém o filho em um tipo de isolamento do mundo. Esse vínculo entre pais e filho é de suma importância para que se compreenda a constituição do Homem Morcego como arquétipo primeiramente pelo fator criança. Este fator criança é recorrente em várias mitologias heroicas e se justifica porque toda criança é o futuro em potencial. De acordo com Jung (2002)

A vida é um fluxo, um fluir para o futuro e não um dique que estanca e faz refluir. Não admira, portanto, que tantas vezes os salvadores míticos são crianças divinas. Isto corresponde exatamente às experiências da psicologia do indivíduo, as quais mostram que a "criança" prepara uma futura transformação da personalidade (JUNG, 2002. p. 165).

Em *Batman Begins* (2005), Bruce Wayne é apresentado como herdeiro de Gotham por ser filho de uma das famílias mais importantes do mundo, com isso, ele pode ser visto como o depositário do futuro construído pelos Waynes. Neste sentido, alegoricamente pode corresponder ao que aqui se chamou de salvador mítico. Outro aspecto nesse processo de construção do herói é a afirmação da importância dos pais no caminho de constituição pessoal pois,

Entre os espíritos possíveis, os espíritos dos pais são praticamente os mais importantes; daí a difusão universal do culto dos antepassados. Em sua forma original, esse culto serviu para apaziguar os "revenants", mas transformou-se depois, num nível superior, numa instituição essencialmente moral e educacional [...] Para a criança, os pais são os familiares mais próximos e mais influentes (JUNG, 2008. p. 75)

Estes são aspectos que fundamentarão toda a trajetória de Bruce/Batman na presença da sombra dos pais. A partir disto é possível entender porque ele é uma nítida oposição ao que representa o Superman, tal oposição se expressa em toda uma estrutura simbólica: enquanto o Superman se fortalece na luz solar, Bruce escolhe como símbolo de si mesmo um animal notívago e tem as sombras como força. Enquanto o sol é uma representação religiosa da divindade, à noite, as sombras, é o portal para o inconsciente, o umbral dos sonhos.

Um dado constitutivo do mito do Batman é sua fobia de morcegos. É esta fobia que se torna fundamento para sua tragédia pessoal e causa de toda uma jornada de reconstrução pessoal. Aos oito anos enquanto brincava na propriedade da família com uma amiga, Bruce cai em um poço

e percebe que não está sozinho. Os morcegos ao terem seu habitat invadido saem causando medo à criança. Thomas Wayne desce até onde se encontra seu filho e o retira de lá, com algumas luxações. Em *Batman Begins* (2005), há uma fala do pai no encontro com o filho dentro do poço e esta acompanhará o herói por toda a vida: “- Por que caímos, Bruce? Para aprendermos a levantar!” Thomas assume aqui a função de persona, vista por Jung como a forma de interação com o mundo. Isso ressalta a importância da figura paterna posto que é papel do pai proteger os filhos contra as ameaças vindas do mundo exterior. (JUNG, 2008) O poço nos filmes do Batman, substitui o fator do beco tão exploradas no universos dos Quadrinhos e isso se deve a uma realidade própria do cenário mítico, “o ato principal do herói é vencer o monstro da escuridão: a vitória esperada da consciência sobre o inconsciente” (JUNG, 2002, p. 168). Para o menino se torna insuportável a imagem de morcegos de modo que em uma noite, em um espetáculo de teatro, na companhia dos pais, ele assombrado, por ver um artista que está pendurado a uma corda no teto e vestido de morcego pede ao pai para sair, e assim, junto ao pai e a mãe, Bruce sai do teatro e os três são em seguida abordados por um homem que caminhava no beco em direção a eles.

Ele pede os bens do casal, Thomas toma uma postura de mediação tentando acalmar o ladrão, mas este não consegue segurar a carteira dada pelo senhor Wayne. Ao apanhar a carteira para entregar ao ladrão, este move a arma em direção a Martha, Thomas toma a frente e leva um tiro. Em seguida, olhando para Bruce e sua mãe, o bandido decide atirar contra a senhora Wayne. A cena se encerra com Bruce diante dos corpos dos pais mortos. Com os pais mortos cai o mundo de Bruce porque na ausência dos pais surge perante os olhos da criança um mundo novo cujo primeiro contato foi marcado pela hostilidade. Este momento do relato de gênese do Batman pode ser lido sob a ótica do segundo nascimento, defendida por Jung como parte constitutiva das narrativas míticas.

Sendo Bruce Wayne considerado príncipe de Gotham sua condição é diferenciada em relação aos outros habitantes do lugar. O fato de morar em uma propriedade na divisa da cidade em cujo centro se encontra a Mansão Wayne denota esta condição privilegiada de alguém que está protegido por muros que o guardam das influências do mundo exterior. Após a morte dos pais, Bruce Wayne passa a ser cuidado por Alfred, o mordomo da família. Esta condição permanece até o menino completar 18 anos ocasião em que passa a andar por lugares distantes com duas intenções: primeiramente, desaparecer diante dos que o conhecem a ponto de ser dado como morto. Em segundo lugar, o desaparecimento é para tentar entender como funciona a mente de um criminoso.

Esse desejo pela morte pode ser demonstração da grande culpa e responsabilidade pela perda dos pais uma vez que com a morte se fecha ao indivíduo os relacionamentos com o mundo

exterior. Entretanto pode significar o oposto, ou seja, o reconhecimento de que as dificuldades presentes produzem uma grande mudança na própria alma (JUNG, 2008). E alcançar o conhecimento sobre a estrutura da mente de um criminoso é um processo de autocontrole, domínio e libertação. O domínio sobre esse universo o colocaria em posse do mundo daquele que lhe arrancou as bases de seu próprio mundo.

É o mergulho na esfera dos instintos, [...] a consciência luta até mesmo em pânico contra a ameaça de ser tragada pelo primitivismo e pela inconsciência da esfera dos instintos. Este medo é o eterno objeto do mito do herói e o tema de inúmeros tabus. Quanto mais nos aproximamos do mundo dos instintos, tanto mais violenta é a tendência a nos libertar dele e a arrancar a luz da consciência das trevas dos abismos sufocadores (JUNG, 2008, p. 415).

Possivelmente o desejo de conhecer a mente criminosa seja uma forma de se manter distante da fúria instintiva de tentar vingar a morte dos pais. Não por acaso o Batman se recuse a matar seus oponentes, matar um deles seria se igualar aos assassinos de seus pais. Sobre a morte dos pais há uma reminiscência presente em *Batman Begins* (2005) quando Bruce adulto, conversando com Henry Ducard, seu mestre, relembra um diálogo que teve, na infância com Alfred, o mordomo. Esta conversa gira em torno da responsabilidade dele pela morte dos pais e pela solidão que esta lhe imprimiu: “- Alfred, foi minha culpa saíram do teatro por minha causa. Se eu não tivesse ficado com medo! (...) Eu sinto falta deles, Alfred, eu sinto tanta falta!” Ao final da reminiscência Ducard pergunta se Bruce ainda se sente responsável pela morte dos pais ao que ele responde: “A raiva é maior do que a culpa!” Ao se olhar atentamente a história de origem do Batman é possível notar que toda a sua vida será ou deverá ser configurada a partir do trauma da perda dos pais.

Esse desaparecimento temporário faz parte da jornada do herói (CAMPBELL, 2007) é a partir deste autoexílio que o homem exposto a uma realidade inesperada e que atingiu a totalidade de sua vida deverá tomar uma decisão e só depois retornar aos seus, pronto para um reinício. O que Campbell (2007) assim descreve encontra um paralelo naquilo que Jung chama de segundo nascimento e que faz parte do processo de constituição mítica:

[...], tal como no caso de Hércules, que foi inconscientemente adotado por Hera, alcançando a imortalidade. O que na Grécia é mito, no Egito é até mesmo um ritual. Neste último caso, o Faraó é por sua natureza um ser humano e divino. Nas paredes da câmara de nascimento dos templos egípcios vê-se representada a segunda concepção nascimento divinos do Faraó - ele "nasceu duas vezes" Esta é uma ideia-base de todos os mistérios de renascimento, inclusive do Cristianismo. O próprio Cristo nasceu duas vezes: através de seu batismo no Jordão ele renasceu pela água e pelo espírito (JUNG, 2002, p. 55).

Aplica-se à mitologia do homem morcego esse nascimento novo que coincide com a morte dos seus pais porque tendo perdido aqueles que o protegiam de todas as ameaças de um mundo hostil, rompe-se perante seus olhos as linhas que o afastavam do mesmo mundo. Esta narrativa mítica abre espaço para a busca de identificação de Bruce com sua própria realidade no processo. Esta busca que parece inerente a todo relato mítico, lida a partir dos Arquétipos da teoria Junguiana corresponde ao processo de individuação (JUNG, 2002)

4 BATMAN E AS SITUAÇÕES HUMANAS DE LIMITE

No primeiro filme datado de 2005, *Batman Begins* dirigido por Christopher Nolan, ao retornar de seu autoexílio, Bruce Wayne embora decidido a combater o crime ainda não sabe como fazê-lo. No entanto, uma conversa com seu mordomo Alfred deixa claro a necessidade de ser mais do que um simples homem, “ao menos aos olhos dos oponentes”. *Batman Begins* (2005): “Como homem, sou de carne e osso, posso ser ignorado, ou destruído. Mas como um símbolo eu posso ser incorruptível. Eu posso ser perpétuo”. Este personagem se torna fascinante pelo fato de ser um homem de carne e osso podendo ser “destruído”, mas que como símbolo é “incorruptível” nesta perspectiva há uma emancipação e elevação do humano a uma condição de superioridade. No entanto, essa passagem se dá mediada por alguém que não possui qualquer vantagem humana sobre outras pessoas

Um ponto de encontro do herói com seu “destino” se dá no momento em que voltando à caverna que se converterá em seu refúgio acende uma lanterna e se deixa rodear pelos morcegos. Neste instante fechando os olhos diante do que lhe rodeia Bruce controla o medo anterior que evoca a sua possível responsabilidade pela morte dos pais. Nesta passagem se percebe o primeiro passo em seu processo de posse de si, pois “Ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; [...] e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro” (CAMPBELL, 2007, p.32.). Esse primeiro contato do Bruce adulto com os morcegos da sua casa de infância se dá porque ele decide que lá será o ponto de onde poderá estruturar suas ações e examinar toda cidade por meio de câmeras. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002): “O caráter central da caverna faz com que ela seja o lugar do nascimento e da regeneração; também da iniciação, que é um novo nascimento. ... Entrar na caverna é, portanto, retornar à origem e, daí, subir ao céu, sair do cosmo” (CHEVALIER E GHEERBRANT 2002, p. 216)

Em *Batman, o Cavaleiro das Trevas* (2008), o debate gira em torno do herói que se merece e o de quem se precisa. Em um momento do filme um pensamento é compartilhado e reflete como Batman se porta nesta tensão entre as imagens possíveis do herói: “Às vezes a verdade não é boa

o bastante. Às vezes as pessoas merecem mais. Às vezes, merecem ter toda a sua fé recompensada!” As formas como os temas contrários se articulam neste personagem mostram que ao contrário de heróis de origem divina, ele é como qualquer ser humano confuso frente a determinadas situações.

Ocorre um debate entre as compreensões e distinções acerca do Épico e do Trágico no herói. E ao longo da trama se revela que Batman é um herói trágico, ele não é o herói que Gotham merece, mas o de que ela precisa. A escolha do uniforme que oscila entre tons negros e cinzas remete à sua própria tragédia e a um luto constante pela morte dos pais, que coincide com o tom sombrio da cidade que perde o brilho para Bruce após a perda dos pais. A obscuridade da cidade, do seu uniforme e do símbolo escolhido mostram que o herdeiro dos Waynes escolheu abraçar a escuridão. Este aspecto se faz presente na Trilogia de Nolan que apresenta o comportamento do Batman em relação com hábitos noturnos dos morcegos. O título Cavaleiro das Trevas vai ser justificado ao final do segundo filme mas há uma leitura que associa a imagem do Batman a do próprio demônio¹. Essa associação também tem a ver com o aspecto da Sombra conforme acima apresentado e revela o caráter paradoxal da própria vida humana. Esta dimensão contraditória pode ser entendida à luz das palavras de JUNG (2015):

Se antes era admitido que a sombra humana representava a fonte de todo mal, agora é possível, olhando mais acuradamente, descobrir que o homem inconsciente, precisamente a sombra, não é composto apenas de tendências moralmente repreensíveis, mas também de um certo número de boas qualidades, instintos normais, reações apropriadas, percepções realistas, impulsos criadores, etc. (JUNG, 2015, p. 422).

Este paradoxo é necessário para se entender o esforço para se apresentar o Homem Morcego como “o herói de quem se precisa”, o trágico e não “aquele que se merece” que nessa leitura corresponde ao épico. A rejeição da dimensão épica do heroísmo também se encontra delimitado pelo conceito de sombra posto que devido à grande culpa ele se vê como inferior ao que se proporia como herói épico. Neste sentido, pode estar sendo fundamentado todo senso de responsabilidade, de auto entrega e altruísmo deste personagem porque assim sanaria sua culpa e se converteria finalmente em símbolo inspirador da justiça. Nesta linha de ambiguidades, além das cores presentes no uniforme, o próprio animal usado como símbolo do herói que é um morcego (AUGRAS, 2010).

De acordo com as escrituras judaicas este é um animal considerado impuro, e o seu comportamento noturno é a motivação para a escolha feita por Bruce. A escolha do morcego

¹ Na revista Um conto de Batman: Criminosos, se lê: “Em Gotham a noite tem seu rosto. Chame o diabo em voz alta ou em silêncio e ele responderá. E o nome do diabo é Batman.”

remonta à responsabilidade que Bruce acredita ter sobre a morte dos pais, então seria um tipo de autopunição ou como corresponde à definição de sombra um sinal de sua culpabilidade (AUGRAS, 2010). Para esta visão corrobora a definição de AUGRAS (2010) para o que esse animal representa:

Inclui-se no rol daqueles que vivem na escuridão, nas trevas, que se escondem do mundo diurno. Mora em grutas de difícil acesso ou em casas arruinadas. Como se não bastasse, passa o dia inteiro de cabeça para baixo. É mamífero e, contudo, voa. Parece criatura de um mundo que funcionaria às avessas do nosso (AUGRAS, 2010, p 161).

Um teor crítico pode ser ainda retirado da imagem do morcego porque este se conduz por sons e não por visões, sua cegueira é uma referência à própria imagem representativa da justiça. Não obstante tal apresentação feita, ocorre outro paradoxo: a versão que o próprio Bruce dá à escolha do morcego pois quando interrogado por Alfred em *Batman Begins* (2005), ele responde: “morcegos me causam pavor. Então, chegou a hora de meus inimigos compartilharem do meu medo!” Parece pertinente a crença de que ele se reveste daquilo que lhe causa medo, externalizando-o para assim interagir com um mundo amedrontador. Esse enfrentamento é constante e se funda na constatação realista de que não nos libertamos em definitivo de medo algum. Esta realidade presente na mitologia do Batman pode ser interpretada de acordo com a teoria Junguiana dos Arquétipos pois, nas palavras do autor, “sempre haverá um terrível pesadelo pairando e ameaçando nosso mundo” (JUNG, 2002, p 246).

A realidade incontestável do medo confere consistência aos paradoxos apresentados ao mesmo tempo em que se torna ponto de entendimento para uma expressão presente em *O Cavaleiro das Trevas* (2008), “ou se morre herói ou se vive para ver você mesmo se tornar um vilão”. Diante de tal constatação, o Batman pode ser as duas coisas e nas palavras de Alfred, o mordomo, isso se dá porque “O Batman pode ser o pária, ele pode fazer a escolha que ninguém faria!” Esse diálogo se dá em um outro momento trágico da vida do herói: a morte de Rachel Dawes. Ela é apresentada nas duas primeiras partes da trilogia de Christopher Nolan como única amiga de infância e posteriormente interesse amoroso de Bruce.

Por estar na assistência da promotoria da cidade de Gotham, ela é um dos últimos vínculos de Bruce com um conceito harmônico de justiça. Em *Batman Begins* é ela evoca a memória de Thomas Wayne ao afirmar que ele se envergonharia da conduta do filho. A importância de Rachel consiste em ser o fio de esperança de uma vida normal. Supondo que Alfred faça o papel que deveria ser do pai, por transferência é possível ler Rachel como a mulher que assume o papel que anteriormente era da mãe. O papel materno é uma figura de destaque tanto para a Psicanálise quanto para Jung (JUNG, 2002) podendo ser também uma imagem da alma de Bruce. No final

de *Batman Begins*, Rachel diz: “o homem que amei nunca voltou mas ainda está em algum lugar e que quando chegar o dia em que o Batman não for mais necessário eu estarei aqui”. Sua morte deixa às claras o fato de que por mais aterrador que possa parecer, todo absurdo presente na vida é parte da realidade. Se em Rachel era possível rever um passado feliz, sua ausência insere Bruce em um mundo dolorosamente real no qual nem mesmo toda força e empenho do herói foi capaz de evitar que o mal se acerque dos entes queridos, realidade constatada pela participação de Rachel na vida de Bruce brilhantemente desenvolvida nos dois primeiros filmes e mesmo como uma lembrança de Bruce em *O Cavaleiro das Trevas Ressurge*.

A conclusão é que Wayne vê a si mesmo como responsável pelo que aconteceu à mulher que ele amava e mais ainda: como Harvey Dent sofreu um grave acidente que deformou um lado de seu rosto, Bruce também vê nisso sua responsabilidade. Se revive o luto, e se afunda na sombra posto que já se via como responsável pela morte dos pais, agora terá que conviver com a responsabilidade pela morte da mulher amada e pelo grave acidente do Cavaleiro Branco de Gotham. O herói se depara com o amor trágico que faz parte dos grandes sofrimentos da humanidade (MARTIN, 2012). Trazendo para si a responsabilidade por toda tragédia que recaiu sobre a cidade de Gotham, Batman faz a escolha que ninguém faria. Nesta escolha que ninguém faria ocorre um fechamento das possibilidades do herói épico e a definição do Batman como herói trágico. Do herói comum se espera que se faça o certo, que não se corrompa e que seja sempre irrepreensível. Tomando esta referência, o final de *O Cavaleiro das Trevas*, mostra a não adequação do Batman a esta definição. Embora haja o triunfo do herói este se sustenta pela mentira que é um limiar, a escolha que ninguém faria, porém é a escolha que Batman faz conforme explorado em vários discursos em *O Cavaleiro das Trevas*.

Há um choque de símbolos ao final do filme: de um lado, Harvey Dent, o Cavaleiro Branco de Gotham, e do outro *O Cavaleiro das Trevas*. Batman assume a responsabilidade pelas mortes cometidas por Dent, alcançando um tipo de paz para sua consciência já que se sentia responsável pelo acidente de Dent e elevando a imagem de Harvey como símbolo da verdadeira justiça, fazendo dele uma vítima da mesma forma como o seu pai foi uma vítima no passado. Uma frase antes mencionada recebe um complemento nas palavras do Homem Morcego: “Ou se morre herói ou se vive para ver você mesmo virar o vilão. E eu posso ser as duas coisas!” Ao ser questionado sobre não poder assumir a responsabilidade por algo que não fez, Batman responde que ele é aquilo que Gotham precisa que ele seja. Assume assim a posição do serviçal colocando-se para além daquilo que se espera dele. A escolha que ninguém faria faz dele algo mais do que um herói. Com isso, a imagem do herói toca a própria realidade, torna-se cada vez mais humana e fala aos próprios limites da humanidade e daqui é importante ressaltar que esse encontro entre o heroico e o humano reside

no enfrentamento das situações nas quais a vida conheceu seus mais profundos desencontros. Nesta narrativa mítica, isto está representando na imagem do Beco do Crime.

Nas narrativas do herói, o beco do crime ocupa um lugar essencial sendo reconhecido como o local do seu nascimento. Transcendendo a narrativa material do herói e aplicando à realidade, esse vínculo pode ser compreendido como a relação entre a pessoa e o evento traumático que desencadeou determinado conflito pessoal com a realidade e que é despertado pelo retorno ao local, seja este físico ou apenas enquanto reminiscência. Num processo terapêutico, a superação de um conflito pessoal é alcançada mediante o encontro do ponto da ruptura e de seu devido enfrentamento para que a partir de uma nova percepção de si e da realidade. Toda a história pessoal possa ser relida e reorganizada.

A principal característica dos complexos é sua vinculação com um ou mais arquétipos, enraizando-se diretamente a estes. Surge portanto, de um universo simbólico pessoal que se relaciona com o inconsciente coletivo. Para Jung, os complexos não são essencialmente bons ou ruins. Seus efeitos na psique é que podem ser qualificados com essas designações (JUNG, 2002). Neste processo de enfrentamento do local da perda, há uma revista de 1976 cuja capa traz o título O assassinato que fez surgir Batman e em seu interior traz um subtítulo chamado Não há escapatória do Beco do Crime na qual se apresenta a relação que ele mantém com o local onde seus pais morreram. O lugar que recebeu o nome de Beco do Crime nem sempre foi perigoso.

Este lugar se tornou um tipo de memória viva da tragédia que marcou a vida de Bruce Wayne, à época, apenas uma criança bem como de toda a cidade podendo ser lida arquetipicamente como símbolo de perdas e frustrações, vinculadas com a violência, o medo do fracasso social, dado que exige em um processo de cura uma releitura por parte de quem deseja a posse de si. (JUNG, 2002). O fato de ser uma criança rica, herdeira de uma das maiores fortunas do mundo (nos quadrinhos) pode ser interpretado a partir de uma outra perspectiva e se pode imaginar que Bruce Wayne é uma criança que diferente de qualquer outra não conhece nada sobre a vida, sobre as dificuldades, constituindo-se como imagem de um ser humano alheio à própria realidade. Seu mundo coincide com os limites da Mansão dos Waynes, com a compreensão que seus pais possuem. E essa imagem acerca das regalias do herdeiro da riqueza dos pais faz dele alguém distanciado da realidade do mundo no qual vive.

Além dos detalhes sobre o lugar, nessa revista se encontra um Batman que todos os anos, no aniversário da morte dos seus pais, visita o lugar e sempre busca uma senhora chamada Leslie Thompkins. Esta mulher representa na história do Batman o arquétipo materno pois nas palavras de JUNG sobre este arquétipo “como todo arquétipo, o materno também possui uma variedade incalculável de aspectos. Menciono apenas algumas das formas mais características: a própria mãe

e a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos” (JUNG 2002). A presença do arquétipo materno coincide com a definição Junguiana acerca do vínculo entre arquétipos e complexo.

Diante da necessidade de enfrentamento dos efeitos negativos de um complexo há sempre retornos ao ponto de origem deste em um processo terapêutico. Se na primeira vez a violência impede o ego de compreender o que lhe ocorreu, conforme a definição de trauma supõe ou se os demônios são poderosos, conforme o simbolismo do complexo, nos retornos posteriores, a violência vai cedendo à razão e os demônios são domesticados pela esperança. (JUNG, 2002). Na narrativa, Leslie é uma resposta ao desamparo expresso na noite da perda dos seus pais. Em outro momento, o próprio Batman explica porque está ali sempre que aquela data se repete. "É apenas para lembrar quem sou... O meu começo e, provavelmente, o meu fim!" A frase demonstra que o começo é a origem do Batman e o fim é o desfecho para a vida de Bruce que embora não tenha morrido com os pais, nunca mais pode ser o mesmo. Neste sentido, Batman seria uma resposta de Bruce ao caos interior experimentado frente ao desamparo da perda da segurança representada pelos pais. Esta leitura se torna possível tomando como base o arquétipo dos pais (JUNG, 2002)

A fala de Leslie no encerramento da revista diz que ela deseja viver até ver que gente como o Batman se torne desnecessária. A esta fala de Leslie, Batman reage: "Dizem que não há esperança no beco do crime, dona Leslie... Mas isso é mentira!" Aquele que tudo perdeu naquele lugar é capaz de reconhecer que ainda assim há e haverá esperança. O Beco do Crime passa a ser uma metáfora do encontro com aquilo que incomoda e contradiz a existência. Ele mostra que a situação vivida não pode ser desfeita mas não deve ser negada ou escondida! Deve ser equacionada para que a vida siga. Aqui a imagem do herói cede lugar ao ser humano real que imerso em seus conflitos deseja respostas para suas perguntas mais íntimas e profundas. Porém, não há como encontrar respostas sem o necessário retorno ao ponto onde tudo se desfez realmente ou na compreensão de um indivíduo.

5 O ARQUÉTIPO DO HERÓI E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Mediante o que se apresentou ao se analisar o beco do crime, o Homem Morcego se torna fundamental para que Wayne possa seguir a vida. No entanto, na trilogia de Christopher Nolan isto não é algo que se queira por toda vida. Assim, o Batman é para Bruce Wayne primeiramente parte do seu processo de individuação. E em O Cavaleiro das Trevas Ressurge este processo chegará ao ponto mais alto e representativo em uma narrativa aplicada a um processo de autoconhecimento e encontro com anseios mais profundos. Por individuação Jung entende tornar-se um ser único. E este tornar-se depende da individualidade que para o autor é “nossa

singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo, ‘individuação’ deve ser entendido como ‘tornar-se si mesmo’” (JUNG, 2008).

O Cavaleiro das Trevas Ressurge (2012) é nitidamente inspirada em um arco de quadrinhos chamado A Queda do Morcego. Do ponto de vista psicológico, o tema da tortura da alma é desenvolvido e serve como passagem do cenário mítico ao cenário real posto que esta ideia pode conduzir a uma meditação sobre uma profunda ruína interna, a destruição daquilo que uma pessoa é. A morte é apresentada como o fim de um trajeto de desolação interior e negação de tudo o que se construiu e acreditou. Desponta o tema da depressão do herói, insinuada em dois momentos e o enfrentamento desta é fundamental para entendermos como o arquétipo pode conceder respostas à realidade.

A ideia do torturador é promover um desespero profundo causado pela constatação do fracasso e quando isto for aceito, será ofertada a permissão para morrer, como diz o discurso do vilão. O lugar é chamado de casa pelo torturador porque deseja incutir na mente do prisioneiro a aceitação da realidade do fracasso. A casa apresentada como o lugar onde o desespero é aprendido e onde a esperança fracassa. Este seria na visão do torturador o fim do processo. O herói está destituído de suas vestes e está colocado no poço. Assim como aconteceu com o chamado Beco do Crime, o poço passa a ser um símbolo que representa um enfrentamento pessoal de uma realidade representativa para o indivíduo.

A partir dos arquétipos junguianos o poço possuiria aspectos positivos e negativos. Do ponto de vista negativo, o poço escuro é habitado por monstros sendo missão do herói enfrentá-los (JUNG, 2002). Do ponto de vista positivo, assim como a caverna que lhe serve como esconderijo, o poço pode ser associado ao útero materno e conseqüentemente ao ideal de renascimento. Os aspectos positivos e negativos se unem na pessoa que está presa ao “poço” porque só se renasce com a vitória sobre o monstro e estes não estão fora e sim dentro de cada um de nós. Estar no poço consiste em revisitar pontos que necessitam ser reavaliados e reorientados constantemente. Seguindo a linha sugerida pela narrativa do herói estar no poço é poder ser tragado pela depressão, lida à luz da imagem do monstro conforme JUNG ao falar sobre o simbolismo do poço (JUNG, 2002).

A história do herói analisada mostra o poço como uma prisão, nesta prisão ele se depara com um grande exame de consciência que revela a profundidade de seu fracasso. Assumindo o “estar no poço” como “estar em luta” contra a depressão, passasse então novamente do relato arquétipo em direção à realidade pessoal onde cada um pode se deparar com seus próprios fantasmas. Na chegada a este ponto da história de vida, o terapeuta tem acesso a um material

simbólico consistente capaz de assegurar o bom desenvolvimento de um processo terapêutico efetivo. Como afirma Jung (2011),

A verdadeira terapia só começa depois de examinada a história pessoal. Essa representa o segredo do paciente, segredo que o desesperou. Ao mesmo tempo, encerra a chave do tratamento. É, pois, indispensável que o médico saiba descobri-la. Ele deve propor perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas. Na maioria dos casos, não é suficiente explorar o material consciente (JUNG, 2011. p. 144).

Esse encontro com um material que não está obrigatoriamente acessível à consciência pode se tornar alcançável por meio de sonhos relatados na terapia. Material que deve ser analisado e que possibilita conhecimento da história de vida. Na cena que antecede a escalada do poço se encontra uma reminiscência que o joga novamente no cenário de sua queda na infância. Neste sentido, para sair da prisão, é preciso que se retorne ao ponto de onde tudo começou, em outras palavras, ele só sairá da prisão se conseguir conquistar novamente seu medo.

Quando o prisioneiro adquire o domínio sobre a realidade que mais o amedrontava e interferia em sua vida, ele ressurg² do poço da própria existência e assim, de prisão pela presença do monstro, o poço é convertido em lugar de um nascimento novo, da sabedoria, da elevação espiritual além da razão. (JUNG, 2008). Deste novo nascimento a memória traumática da morte dos pais cede lugar ao encontro definitivo com um propósito, foi Bruce quem saiu do poço e o Batman como símbolo já cumpriu para ele um propósito. O desfecho de O Cavaleiro das Trevas Ressurg² mostra o final da jornada do Homem Morcego identificada como o caminho da individuação. Primeiramente a saída do poço, depois a chegada a Gotham, uma nova interpretação para o uso da máscara: se antes era para assombrar os criminosos, agora é para manter protegidos os que se ama. Se Bruce pode recomeçar em paz porque “uma vez que a consciência passe a assimilar elementos antes vistos como repulsivos, estes elementos serão integrados à persona” (JUNG, 2008, p. 34) está cumprido o propósito arquétipo e deste modo, qualquer pessoa pode ser um herói à medida em que consegue apresentar propósitos para sua existência, independente das experiências que colocaram a vida à prova. Ao lado da mulher escolhida para este recomeço, Bruce conseguiu harmonizar seus conflitos internos e externos estabelecendo um si mesmo diferenciado. Sobre o Si Mesmo, Jung afirma que ele:

Tem o caráter de algo que é um resultado, uma finalidade atingida pouco a pouco e através de muitos esforços. Assim, pois, representa a meta da vida, sendo a

² Na famosa cena do Poço, ao tentar escalar, Bruce escuta um tipo de cântico. “Deshi, Deshi, Basara, Basara” e pergunta o significado. Um outro preso diz que significa “Ressurja”.

expressão plena dessa combinação do destino a que damos o nome de indivíduo: não só do indivíduo singular, mas de um grupo, em que um completa o outro, perfazendo a imagem plena (JUNG, 2008. p. 92).

Este recomeçar não é algo egoísta, apenas acontece após um imenso sacrifício para um bem maior e de caráter coletivo. Batman desponta como arquétipo das experiências humanas pelo fato de ser um herói plausível devido aos limites constatados de sua própria personalidade. O seu heroísmo repousa no fato de ter conquistado a si mesmo às custas de grandes batalhas, renúncias, sacrifícios. Como é típico do Arquétipo ele revela algo sobre nossa condição pessoal e esta revelação consiste na verdade plena sobre nós mesmos: sempre poderemos ressurgir e buscar o melhor de nós para nós mesmos e para todos aqueles que amamos. O Homem Morcego é o arquétipo do Herói que converte as sombras em luz, o limite em conquista, a fraqueza em esperança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição deste trabalho visa a aplicação da imagem arquetípica no cenário da cura terapêutica a partir do despertar de elementos que se encontram presentes na vida dos indivíduos e que necessitam ser reencontrados, assumidos para que se efetive um processo de crescimento pessoal, fortalecimento e individuação. A imagem apresentada como arquétipo obedece esse propósito no sentido de oferecer mediante a sua própria narrativa a constituição de uma vida realizada apesar de situações limitantes e psicologicamente adoecidas. Há questões que embora não trabalhadas nesse momento, não passaram despercebidas às pesquisas.

A primeira delas consiste no fato de não se mencionar em qualquer momento o fato de o mesmo personagem, apresentado com um Arquétipo ser nitidamente marcado por várias questões psicológicas. Aquilo que aparentemente parece ser um limite ao esforço de se apresentar o herói como arquétipo pode se revelar como a consistência da imagem porque perante os olhos dos que acompanham a narrativa se encontra alguém que consegue superar os limites impostos por sua própria história em vista da sua elevação à condição de símbolo. Supondo a consensualidade dessa perspectiva, neste trabalho, nas condições psicológicas do personagem, o foco esteve na capacidade de ser possível a elevação sobre um complexo bem como o enfrentamento de situações limites.

A partir da consideração da referência arquetípica presente nos trabalhos de Carl Gustav Jung aplicada a narrativas heroicas conforme as que vemos fazer sucesso nos cinemas desde o alvorecer do terceiro milênio, superando todas as expectativas, é pertinente a afirmação de que o herói presente no cinema, reflete o aspecto mais valioso presente no ser humano que consiste no triunfo do bem sobre o mal. Ao mesmo tempo, de modo inconsciente esta busca por essas histórias

revela uma sensação de medo em relação ao futuro pois as ameaças à humanidade não são privilégios de narrativas heroicas.

Em um âmbito pessoal, há muito em nós que precisa ser enfrentado, várias partes que precisam ser ressignificadas e assim, as narrativas heroicas nos oferecem uma rota de que o caminho para as necessárias conquistas não virão de forças além de nós e sim de dentro de nós mesmos. Essa argumentação faz da mitologia do homem morcego um pertinente arquétipo nesse processo de individuação e resiliência.

4 REFERÊNCIAS

AUGRAS, M. **Alteridade e dominação no Brasil**. Rio de Janeiro: NAU, 2010

BOECHAT, Walter. **A Mitopoesia da psique: mito e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2008

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 2007

CHEVALIER, J.; GEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002

FONOFF, Fernanda Mara Colucci & COLUCCI, Regina de Batista. **Os heróis, as princesas e o imaginário infantil**. (2008). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v41n75/v41n75a20.pdf> visitado em 1 de maio de 2019

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na Civilização e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

GABILLIET, Jean-Paul. **Batman na luta contra o crime**. In: História Viva: Grandes Temas nº 52. Editora Duetto, 2014

JACOBI, Jolande, **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung** Petrópolis: Vozes, 2016

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

JUNG, Carl Gustav. **Aíon: Estudo sobre o simbolismo de Si**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

JUNG, Carl Gustav. **A prática da Psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2011

MARTIN, K., **O livro dos símbolos: Reflexões sobre imagens Arquetípicas**. Koln: Taschen, 2012

NAGY, Gregory **O Herói Épico**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

Title

The mask of the bat: batman according to archetype theory.

Abstract

Heroic narratives have always been present throughout the history of mankind. From the twentieth century, the comic books became support for its maintenance and with the success that its adaptations achieved in cinema opened a space to broaden the reach of this type of narrative. This article deals with this phenomenon having as reference narrative the constitution of the Batman myth having as reference the Jungian theory of archetypes. The aim of this paper is to analyze how the Bat Man myth represents, according to the adopted theory, an archetype consistent with the contemporary human condition. Presenting itself as a bibliographical analysis from BOECHAT (2008), JUNG (2002), NAGY (2017), resulting in the identification of Batman as a Jungian archetype capable of dialoguing with the existential condition of facing inner fears, reach self-possession and resilience.

Keywords

Archetype; Batman; Hero.

Recebido em: 01/08/2019.

Aceito em: 25/08/2019.